

UFRJ quer relançar Anísio Teixeira

Educação Não é Privilégio será o primeiro volume de uma série de obras previstas para reedição pela universidade carioca

Onde quer que esteja, o educador Anísio Teixeira, falecido em 1971, certamente deve estar olhando com bons olhos a movimentação cara-pintada que pretende parar todas as escolas do País no próximo dia 4. Na conjuntura atual, a mobilização traz a marca registrada da falência de um modelo que Anísio sempre combateu enquanto vivia, com seu projeto de uma educação pública e gratuita de boa qualidade para todas as crianças brasileiras. Por outro lado, há um dado que entristece, diante das décadas e gerações perdidas dentro de um modelo privatizado claramente mercantilista como o existente: a rede pública existe, mas não é a sombra do que Anísio Teixeira idealizou, embora a Constituição de 1988 seja bem específica quanto às responsabilidades do Estado nesse campo.

Talvez por essa razão é que seja tão oportuno o projeto desenvolvido pela UFRJ de relançar as obras do educador, com o cuidado, no entanto, de contextualizá-las à atual situação. Mais do que apenas expor o caráter visionário de Teixeira, seu reaparecimento serviria paraclarear o nevoeiro em que se encontra a educação no Brasil, hoje dividida entre mensalidades exorbitantes e absoluta falta de condições estruturais na rede pública. Segundo a coordenadora do projeto, profa. Marisa Cassin, o primeiro volume está bastante adiantado. "Deveremos publicar novamente, ainda este ano, o livro *Educação Não É Privilégio*, de 1957", conta ela. A escolha deste volume tem razões estratégicas. "É o trabalho do prof. Anísio que trata de forma abrangente a questão do Estado atuando na educação básica, a idéia da escola de tempo integral que interna o aluno e educa o cidadão", comenta Marisa.

Ciep — Diante dessa colocação, a comparação com programas como os do Ciep carioca são inevitáveis. "Em alguns pontos, por exemplo, o Ciep aproveita o modelo, como na questão do horário integral. Mas o programa sofreu as suas adaptações", comenta a coordenadora, antes de esclarecer que o livro a ser relançado enfoca o conteúdo da obra de Anísio Teixeira sem necessariamente servir de dado comparativo com o Ciep. Marisa Cas-



sin revela que o próximo lançamento do projeto, que conta com o apoio irrestrito da família de Anísio, deverá ser um livro que complementa o primeiro. "Estamos estudando para reeditar no ano que vem *Educação É Um Direito*, que completa o conjunto de idéias lançado com o outro volume", diz.

Responsável direta pelo trabalho de atualização em *Educação Não É Privilégio*, a professora Clarice Nunes, da Faculdade de Educação da UFRJ, acredita que o aspecto mais importante no relançamento seja o seu inevitável convite à reflexão. "A reedição é fundamental pela crítica às mazelas educacionais ainda existentes no País e pela atualidade gritante da análise que o prof. Anísio faz da nossa cultura. Trata-se de uma avaliação", continua, "que traz um convite à intelectualidade para que esta repense seu próprio papel e suas relações com a cultura e a

educação popular", avalia.

Utopia — Autora de uma tese de doutorado sobre a vida de Anísio Teixeira, Clarice Nunes revela ter sido atraída pelo tema a partir da biografia do professor. "Ele corporifica a história da persistência em se tornar educador e sua aspiração pela democracia, que nem as rupturas políticas impostas em 1935 e 1964 puderam abortar", avalia, antes de apontar o que considera como a característica mais inovadora da obra de Anísio. "É o que perdemos como trabalhadores desgastados: uma utopia social e pedagógica na qual ele imaginou — e executou parcialmente — planos, propôs metas e construiu possibilidades efetivas em uma gestão pública digna e competente", define.

Lembrada de ataques sofridos por Anísio — como a polêmica com a Igreja, adversário da idéia de um ensino geral a cargo do Estado — Clarice Nu-

nes descreve tais pontos de divergência. "Anísio Teixeira foi criticado pelo seu compromisso em defender uma educação pública que não se deixasse levar pelos perigos do comodismo e, como ele dizia, pelo hábito brasileiro de sublimação das crises, onde nada parece ter consequências. 'Os maiores ataques', prossegue, "vieram porque não pouava críticas ao monopólio pedagógico pretendido pela Igreja ou à omissão do Estado, incapaz de levar em conta os interesses da população marginalizada dos bens culturais, sobretudo da escola".

Legado — A professora aproveita para destacar dois legados importantes deixados por Anísio. "Do ponto de vista das crianças, um foi uma série de escolas públicas de qualidade, cujo modelo arquitetônico existia em função de uma proposta e de uma consciência pedagógica. Já do lado dos professores, ele forjou — pela sua vida e obra — a concepção de um educador intelectual em diálogo com teorias sociais e pedagógicas avançadas do seu tempo", define. Aliás, Clarice aponta ainda a militância inteligente idealizada por Anísio como uma tarefa de crítica aos dogmatismos, às ambições pessoais e aos sectarismos de toda ordem. Ou seja, boa parte do que vem faltando hoje.

O impacto do relançamento das obras de Anísio Teixeira não se esgota apenas em suas idéias, já que a professora da UFRJ acredita no surgimento de novos caminhos por provar que uma obra de educação ainda é possível em um país, como ela diz, "tão miserável e oprimido". Clarice Nunes conta que a edição será feita de forma crítica, com atualização de aspectos fundamentais ligados à filosofia de uma obra que combate a ignorância e a omissão de governos com relação aos lucros. E mais: dados inéditos, oriundos dos arquivos, podem esclarecer a que ponto a população acreditava nas propostas de Anísio Teixeira: "Existem, por exemplo, vários depoimentos — que não tinham sido valorizados por pesquisadores — de pessoas humildes, que através de cartas relatavam como viam a escola e seus filhos", conta Clarice, antes de revelar que o livro trará, também, dados contando os bastidores da luta pela aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil.